

As lives no pico: a pandemia nas transmissões de Jair Bolsonaro

Live peak: the pandemic on Jair Bolsonaro's Live Broadcastings

REVISTA
com política

revista compolítica

2022, vol. 12(1)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2022.12.1.567

 Open Access Journal

Camilo Aggio

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
[Federal University of Minas Gerais – UFMG]

Frances Vaz

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
[Federal University of Minas Gerais – UFMG]

Thomaz de Castro

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
[Federal University of Minas Gerais – UFMG]

Resumo

Este artigo apresenta uma análise das lives transmitidas pelo presidente Jair Bolsonaro em suas redes sociais durante o primeiro pico da pandemia da Covid-19 no Brasil. Busca-se verificar os principais temas de suas falas e analisar se e como o tema da Covid-19 é tratado em um momento de recrudescimento da pandemia até então inédito. Os resultados demonstram que a Covid-19 é o tema mais tratado nessas lives, *embora o termo “pandemia” não faça parte do repertório do presidente*. As abordagens identificadas em seus comentários sobre a atual crise sanitária configuram um discurso marcado pelo negacionismo e pela disseminação de desinformações e teorias conspiratórias na arena pública.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro, Covid-19, Desinformação.

Abstract

This article aims at analyze Jair Bolsonaro live broadcasts on his social networks accounts during the first peak of the Covid-19 pandemic in Brazil. We access and discuss how the theme of Covid-19 was considered by the Brazillian president at a time of upsurge of the pandemic until then unprecedented. The results show that Covid-19 is the most discussed topic, although *the term “pandemic” is not part of the president's repertoire*. *The approaches identified in his comments on the current health crisis configure a discourse marked by denial and the dissemination of misinformation and conspiracy theories in the public arena*

Keywords: Jair Bolsonaro, Covid-19, Disinformation.

As lives no pico: a pandemia nas transmissões de Jair Bolsonaro

Camilo AGGIO
Frances VAZ
Thomaz de CASTRO

No dia 22 de maio de 2020, o Brasil registrou o primeiro pico da pandemia do novo coronavírus: foram 1.172 óbitos registrados em um único dia. Segundo os boletins epidemiológicos semanais do Ministério da Saúde, houve um pequeno recuo dessas notificações ao longo do mês de junho e um retorno do aumento de casos em julho do mesmo ano, quando se verificou um novo pico: 1.044 mortes (Mões, 2020). O presidente eleito com cerca de 58 milhões de votos em 2018 inaugurou, em seu terceiro mês de mandato, uma prática semanal de comunicação política por meio das popularmente denominadas *lives* (transmissões ao vivo em plataformas digitais) em seus perfis oficiais no *Facebook*, *Youtube* e *Instagram* sempre às quintas-feiras¹.

Esse instrumento de comunicação política adotado pelo atual presidente do Brasil tem sido apresentado por membros de suas equipes e observado por olhares externos como um expediente de contrabalanceamento das mediações exercidas pelas empresas de comunicação, de forma ampla, e pelo jornalismo político, de maneira mais específica. As razões elencadas para tanto variam de argumentos como a possibilidade de se defender das distorções e manipulações da (sempre) mal-intencionada imprensa e de supostamente esclarecer genuinamente os cidadãos; a possibilidade de prestar contas diretamente à população e de levar em consideração, sem intermediários, a única e genuína voz popular; ou, como preferem os críticos das edições dessas transmissões, gozar da oportunidade de fugir de críticas, de evitar perguntas e questionamentos, de selecionar e enquadrar temas de seu interesse da maneira que lhe é mais conveniente e favorável e, efetivamente, de mentir e atacar inimigos com o intuito, dentre outras coisas, de pautar favoravelmente a cobertura da imprensa e alimentar suas redes de seguidores.

Desse modo, a proposta deste artigo se assenta na articulação entre esse fenômeno comunicacional e político — com muitos contornos inaugurais — e um contexto específico de uma das maiores crises sanitárias enfrentadas pela sociedade brasileira e pelo mundo: a pandemia da Covid-19, declarada pela

¹ Excepcionalmente, o presidente realizou suas *lives* em dias diversos em razão de viagens ou compromissos agendados para esses dias.

Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020 (Coronavirus..., 2020). Com base no acervo das transmissões ao vivo do presidente, propõe-se verificar se e como Jair Bolsonaro tratou da crise da pandemia entre os meses de maio, junho e julho — período em que, como descrito acima, o Brasil enfrentou seu pior momento da pandemia em 2020 — englobando, desse modo, um total de 13 edições de suas transmissões.

Esse estudo se justifica por duas razões centrais e intercambiáveis. Em primeiro lugar, por se tratar de uma forma de comunicação oficial do presidente da República que conta com uma audiência significativa no momento das transmissões e após seu encerramento é retransmitida por veículos de comunicação tradicionais, é imperativo verificar como informações de interesse público, como a crise sanitária derivada da pandemia da Covid-19 em seu primeiro auge de letalidade, são elaboradas e oferecidas à sua audiência ou se são, simplesmente, ignoradas.

Em segundo, tendo em vista o histórico nada virtuoso do atual mandatário da presidência da República no que diz respeito ao trato com os fatos e a verdade, consideramos ser de suma importância a verificação e a análise do modo como questões relacionadas à pandemia são tratadas pelo presidente e qual o grau, se houver, com a realidade desses fatos, mais especificamente o fato notório do agravamento da pandemia.

A metodologia é dividida em duas frentes: (a) uma abordagem quantitativa que busca verificar se e com que grau de atenção o tema da pandemia foi tratado no referido período de recrudescimento e (b) uma abordagem qualitativa com o intuito de analisar os recursos adotados e as formas de abordagem dos temas considerados nessas edições.

Descentralização da comunicação

Desde os primórdios das reflexões acerca dos potenciais de transformação da internet, um dos elementos de maior destaque se assentava na possibilidade de indivíduos e grupos diversos terem as ferramentas e oportunidades para se comunicarem não apenas entre si e à distância de maneira instantânea, mas de produzir informações e conteúdos, publicá-los e circulá-los para uma vasta audiência sem a mediação da comunicação tradicional (Lemos, 2008; Benkler, 2006). Trata-se daquilo que alguns autores chamaram de liberação do polo de emissão ou da comunicação *muitos para muitos*, ao contrário do modelo então vigente de centralização da comunicação em poucos veículos, ou de

poucos para muitos (Lemos, 2008). Dito de outra maneira, trata-se de um processo de desintermediação por meio do qual instituições tradicionalmente vinculadas à produção de informação e demais conteúdos informacionais perdem a exclusividade nessa cadeia produtiva, cedendo espaço para produtores amadores diversos. (Chadwick, 2013; Robles-Morales e Córdoba-Hernández, 2019; Benkler, 2006).

A aura em torno desses vislumbres era, naturalmente, de otimismo, afinal, havia uma promessa tácita de socialização do acesso a uma comunicação em larga escala, com pretensões globais, e de distribuição de poder na contramão de um modelo de concentração da comunicação de massa em poucos veículos e do potencial de criação de um regime de múltiplas vozes disponíveis nas arenas públicas. E como não poderia deixar de ser, em termos hipotéticos, de fortalecimento da democracia por meio de maior inclusão de acesso aos cidadãos e da expressão de vozes antes silenciadas ou desarticuladas com os veículos de comunicação tradicionais (Aggio, 2010).

Não se tratou de um percurso dos mais curtos, mas a era das plataformas digitais e da consequente plataformização da vida (Van Dijck, Poell, Waal, 2018) ou, como preferem alguns, da *Web 2.0*, tornou, efetivamente, possível que indivíduos e grupos ganhassem ampla visibilidade pública a prescindir de vinculações com os *media* tradicionais. Os exemplos são variados e se apresentam desde o surgimento de novos líderes de opinião que tratam de temas políticos com amplo reconhecimento e alcance nessas plataformas a novos profissionais de novos ramos, como os ditos *influencers*, seja no ramo dos jogos eletrônicos, seja no ramo da educação infantil, de tratamentos alternativos, nutrição, culinária ou mesmo na “filosofia”.

O que se observa nesses aspectos é que a competência e a autoridade conferida a alguém (na lógica das redes digitais) para tratar de algum tema deriva menos de uma formação e treinamento proporcionados por instituições epistêmicas tradicionais como a universidade do que pelo capital social acumulado por esses sujeitos nas plataformas digitais (Mendonça e Aggio, 2021). Aquilo que Andrew Keen (2007) chamou de o culto do amador. A título de exemplo, não é coincidência que a ideologia de sustentação do bolsonarismo tenha sido criada e disseminada por um personagem digital ao qual o *status* de “filósofo” é conferido por ele próprio e reconhecido por muitos em razão do capital social representado pelo número de seguidores e envolvimento que adquiriu em suas publicações em plataformas digitais: Olavo de Carvalho. Casos similares podem ser encontrados no Estados Unidos, com Steve Bannon e sua atuação no *Breitbart News*, ou a parceria entre Beppe Grillo e Gianroberto Casaleggio, na Itália (Da Empoli, 2020).

Se é verdade que as plataformas digitais concederam oportunidades extraordinárias de inclusão de indivíduos e grupos sociais e políticos diversos num espectro comunicacional alargado, é igualmente verdade que tal inclusão, por si só, não tem sido sinal de incremento da democracia ou de melhor saúde das relações sociais e políticas. Trata-se de um tema extenso e complicado que demandaria muito mais espaço e oportunidades de discussão, mas podemos resumir que maior participação não tem sido necessariamente sinal de maior cidadania democrática. Os fenômenos que chamamos de desinformação, da elaboração e propagação de *fake news*, da tribalização de indivíduos que criam suas próprias epistemologias e, conseqüentemente, suas próprias verdades – contra a realidade e a ciência – são fenômenos correlacionados diretamente com o nosso *zeitgeist* comunicacional e informacional (Mendonça e Aggio, 2021).

É nesse amplo contexto que se insere o atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Grande parte de sua vitória eleitoral se deveu a como a comunicação digital foi apropriada por sua campanha como forma de compensação do exíguo tempo no horário gratuito de propaganda eleitoral, da ausência de uma estrutura partidária sólida e capilarizada, dos baixos recursos orçamentários e a baixa visibilidade nacional até então. A capilaridade da presença de Jair Bolsonaro em diferentes plataformas lhe proporcionou alcance e reconhecimento a prescindir da comunicação tradicional e viabilizou um grande movimento de mobilização que o tornou um candidato viável. E o mais importante: valeu-se da ininterruptibilidade comunicativa, característica das redes digitais, para tocar uma campanha de longa duração à revelia do que já podemos chamar das obsoletas regras eleitorais que regulam a comunicação eleitoral no Brasil.

Se por um lado sua eleição demonstrou ser um fenômeno extraordinário de comunicação política, por outro, em se considerando os princípios e práticas democráticas, bem como a ética que deveria balizar as disputas eleitorais ou as “regras não escritas da democracia” (Levitsky, Ziblatt, 2018), ela representa um movimento evidente de corrosão da saúde de nossa democracia e de pilares fundamentais da modernidade, como o uso de propaganda computacional e estratégias de disseminação de informações falsas, propagandas apócrifas sobre adversários, estímulo ao ódio e à polarização e ataques frontais à razão e à ciência enquanto balizas fundamentais para interpretar e lidar com problemas de interesse público e orientar políticas públicas (Castro, 2020; Nicolau, 2020; Gallego, 2019).

Em uma chave interpretativa mais comum, o fenômeno político e comunicacional representado pelo atual presidente do Brasil guarda evidentes consonâncias com um movimento de envergadura global que algumas autoras e autores denominam de nova era do populismo (ou neopopulismo) que surge em

relação direta com fenômenos políticos originados nas mídias digitais no qual está inserido Jair Bolsonaro e suas especificidades (Aggio e Castro, 2020; Da Empoli, 2020; Mendonça e Caetano, 2021). A razão para tanto estaria no fato de que as plataformas digitais, por oferecerem uma comunicação direta entre líderes políticos e suas audiências, ensejariam estratégias de comunicação política caracterizadas por elementos populistas tradicionais, como o ataque a elites e a defesa de uma suposta soberania popular conspurcada e sequestrada pelos poderosos (De Vreese *et. al.*, 2018).

Em linha com essa estratégia de comunicação política, Jair Bolsonaro adotou o princípio da continuidade de sua estratégia eleitoral como presidente da República e passou a investir em uma forma periódica de comunicação semanal por meio de transmissões ao vivo com o aparente intuito de manter o contato direto com sua base de apoio social e pautar direta ou indiretamente as agendas dos veículos de comunicação tradicionais. As chamadas *lives* são uma estratégia peculiar de comunicação política em tempos de descentralização da comunicação, afinal, trata-se do uso de uma ferramenta de comunicação direta, sem mediações tradicionais do jornalismo entre o presidente de um país e seus governados, mas que, como é característica do bolsonarismo, traz sérios problemas em termos políticos e democráticos - em especial diante de crises, como a crise sanitária pela qual passa o Brasil e o mundo.

Desinformação e Covid-19

Neste artigo, o conceito de desinformação é usado e discutido à luz das definições usadas por Benkler, Faris, Roberts (2019) com uma proposta de articulação com o conceito de *misinformation*. Para o trio de autores, desinformação é definida como informações produzidas e circuladas com a intenção de manipular e confundir pessoas para o alcance de fins políticos. O conceito pode ser melhor entendido como “(...) um fenômeno abrangente que inclui qualquer informação fabricada e disseminada com dados ou detalhes falsos verificáveis, em diferentes formatos, em várias plataformas de entrega” (Smith, 2018).

Não temos como demonstrar com segurança que os meandros da subjetividade de Jair Bolsonaro indicam que ele age com dissimulação em seus atos discursivos. Então, desse modo, tenderemos a articular, sob a denominação conceitual de “desinformação”, aquilo que Benkler, Faris, Roberts (2019) definem como “*misinformation*” e “*desorientação*”. O primeiro diz respeito à divulgação e compartilhamento de informações falsas sem a intenção de enganar. O segundo diz respeito a como

determinadas ações de comunicação buscam induzir determinados públicos à confusão, ao desnorteio, à desorientação sobre em que acreditar e como agir diante de uma informação. Não possuímos uma nova nomenclatura que represente essa convergência, portanto, manteremos o uso do termo “desinformação” para designar esse conjunto de possibilidades à luz de nosso objeto de análise.

Estudos que demonstram a relação entre a pandemia da Covid-19 e a desinformação nas redes digitais do Brasil já formam um volume consistente de literatura sobre o fenômeno. Trata-se de pesquisas que apresentam o compartilhamento de informações sobre hidroxicloroquina e o componente político dessas ações (Araújo e Oliveira, 2020); a disseminação de notícias falsas sobre o vírus *Sars-CoV-2* pelas redes digitais e seu potencial efeito de descrédito na ciência e nas instituições globais de saúde (Galhardi *et. al.*, 2020); a relação entre a ação de desinformação de líderes de Estado sobre a Covid-19 e/ou aumento da busca por termos relacionados no *Google* (Lisboa, Ferro, Brito e Lopes, 2020); o alinhamento do discurso de desinformação sobre a cura da Covid-19 com o apoio político ao presidente Jair Bolsonaro no *Twitter* (Recuero e Soares, 2020); o uso da desinformação por parte de Jair Bolsonaro como arma negacionista contra as evidências e recomendações científicas na pandemia (Ricard e Medeiros, 2020); a centralidade das teorias conspiratórias nos processos de desinformação e nas táticas de comunicação do bolsonarismo (Aggio, 2021; Kalil *et al.*, 2021); para ficarmos em alguns exemplos de uma lista já extensa.

Esse problema de ordem social, política e sanitária não se resume apenas às dimensões cognitivas das relações comunicacionais, mas em seus efeitos comportamentais e atitudinais que, numa pandemia em que a transmissibilidade de um vírus é devastadora, implicam não apenas os que optam por seguir as recomendações de seu líder político e adotar comportamentos de risco, mas toda a coletividade. Estudo desenvolvido por Ajzenman, Cavalcanti, Da Mata (2020), que consistiu no uso e cruzamento de dados eleitorais e geolocalização de mais de 60 milhões de dispositivos móveis em todo o Brasil, evidencia que cidades com o maior número de apoiadores de Jair Bolsonaro tiveram um aumento expressivo no desrespeito a medidas de isolamento social após falas (recomendações) negacionistas anti-isolamento do presidente quando em comparação com outras cidades com perfis de apoio e oposição distintos.

Em linha com essas conclusões, temos uma relação relativamente óbvia, em termos científicos, entre causa e efeito: estudo conduzido por quatro pesquisadores da Universidade Federal do ABC, da Fundação Getúlio Vargas e da Universidade de São Paulo mostra que a taxa de votação em Jair Bolsonaro no primeiro turno de 2018 por município tem correlação negativa com o isolamento social e, conseqüentemente, correlação positiva com o número de mortes causadas pela Covid-19. Com base

nos dados levantados e cruzados, os autores concluem que a recepção positiva aos discursos negacionistas do presidente é maior nos municípios com um maior número de seus eleitores, logo, maiores os comportamentos de risco e óbitos causados pela doença (Canzian, 2020). Trata-se, portanto, de evidências consistentes de como a comunicação de um líder importa e exerce influência sobre determinados segmentos populacionais com efeitos nocivos a toda a coletividade.

O fato de Jair Bolsonaro ser um ou o principal chefe de Estado do mundo a empreender uma jornada contra as evidências e os consensos científicos atuais sobre a pandemia e contra as recomendações sanitárias prescritas por autoridades e organizações científicas mundialmente respeitadas para lidar com a atual crise sanitária não é novidade alguma. É diante desse contexto mais amplo e geral do perfil das ideias, atitudes e ações de Jair Bolsonaro sobre a pandemia do *Sars-CoV-2* e do poder discursivo e seu potencial efeito sobre opiniões, atitudes e comportamentos que a descentralização da comunicação lhe confere, que o estudo de suas *lives* semanais no primeiro pico da pandemia da Covid-19 do Brasil se insere e se justifica.

Metodologia

A primeira fase da pesquisa engloba o período de coleta dos vídeos. Foram acessadas e baixadas todas as *lives* do presidente, transmitidas entre abril de 2020 e março de 2021 (período em que se deu o início do presente estudo). Os vídeos foram acessados na página do presidente no *Facebook* e baixados de seu canal no *Youtube*, não sendo possível o acesso e a recuperação de apenas um vídeo correspondente à *live* realizada em 28 de maio de 2020 que foi retirado do ar². Optou-se por se fazer *download* desses vídeos tendo em vista o fato de eles poderem ser eventualmente deletados de suas redes, haja vista inúmeras ações para remoção de conteúdos e bloqueio de contas em redes sociais em virtude de divulgação de desinformação sobre a pandemia. Como método de análise, adotou-se a análise de conteúdo (Bardin, 2011) de forma a abordar aspectos quantitativos (o número de ocorrências de determinadas temáticas) e qualitativos (a abordagem de cada tema pelo presidente).

² A transmissão do presidente desse dia causou polêmicas nas redes sociais. Bolsonaro, ladeado de integrantes do Governo, fez um brinde com um copo de leite, situação que foi associada a grupos de extrema-direita dos Estados Unidos que se utilizam da bebida como um símbolo do supremacismo branco. Em sua defesa, o presidente afirmou que o brinde fazia parte do “desafio do leite” proposto pela Associação Brasileira de Produtores de Leite como celebração do Dia Internacional do Leite, comemorado dia 1º de junho (Saconi, 2020).

Após a coleta dos vídeos, partiu-se para um processo de pré-análise e exploração do material (Idem, 2011), com a definição do critério para seleção do *corpus* a ser efetivamente analisado e a organização de uma base de dados de cada transmissão, como data de realização, reações de seguidores e número de compartilhamentos. O critério estabelecido para o recorte foi o período em que o Brasil enfrentou o primeiro pico da pandemia, com os maiores números de infecções e mortes pela doença, o que ocorreu durante os meses de maio, junho e julho de 2020 (Mões, 2020). Tal situação ganhou grande destaque na imprensa e nas redes sociais, o que, hipoteticamente, agenciaria o discurso do presidente, na medida em que Bolsonaro costuma reportar-se a matérias e comentários da imprensa a respeito de seu governo.

Definido o recorte, partiu-se para a exploração do material de forma a se identificar os principais temas tratados nas *lives* durante o período analisado. Foram analisadas todas as transmissões ao vivo realizadas entre 7 de maio e 30 de julho de 2020 (exceto a do dia 28 de maio). Desse modo, a análise contemplou 12 *lives* totalizando 8 horas e 38 minutos de transmissões. A amostra foi dividida entre três codificadores, integrantes desta pesquisa, que, após a codificação temática, avaliaram as classificações realizadas pelos demais, os níveis de correspondência dessas classificações temáticas e, posteriormente, empreenderam ajustes pontuais de maneira a garantir a consistência analítica das categorias.

As transmissões realizadas por Jair Bolsonaro respeitam um formato muito similar ao telejornalismo, ou seja, consistem em tratar de assuntos por meio de blocos temáticos que se distribuem ao longo do período de transmissão. Os codificadores analisaram os “blocos de fala” de Jair Bolsonaro em todo o material. Em outras palavras, isto significa que as falas foram classificadas de acordo com o tema ou temas centrais de cada um desses blocos, o que nos permitiu discriminar o material tematicamente e montar um quadro elucidativo da estrutura temática dessas *lives*. Deve-se notar que certos trechos incorporam sobreposições em razão de alguns deles se encaixarem em mais de uma categoria, a exemplo da recorrência da abordagem do tema da pandemia se misturar com temas econômicos. Nesses casos, o bloco analisado foi classificado em ambas as temáticas, já que nos interessa identificar a ocorrência de determinadas temáticas (aspectos quantitativos) e sua abordagem (aspectos qualitativos).

As categorias escolhidas para classificar os temas, conforme dispostas e descritas na *Tabela 1*, foram organizadas usando uma mescla de abordagens dedutivas, tendo como referência estudos anteriores dedicados à comunicação política eleitoral de campanhas e de governos, como em Aggio (2016), e

abordagens indutivas, a partir da observação da natureza das publicações da amostra. Sendo assim, foram empregadas categorias que se ajustassem à recorrência tradicional de temas sobre os quais lideranças políticas costumam se debruçar em comunicações oficiais, a exemplo de informações sobre agendas, realizações, medidas, economia e críticas a adversários e, de forma complementar, criadas outras em razão de ocorrências relativamente contextuais e peculiares das transmissões de Jair Bolsonaro, como datas comemorativas, propaganda de jornalistas alinhados ao governo e relações internacionais, conforme disposto no Quadro 1.

Quadro 1 – *Categorias de temas presentes nas lives do presidente Jair Bolsonaro (maio a julho de 2020)*

Agenda	Menções a eventos presidenciais e de governo planejados ou realizados.
Covid-19	Falas que se referem ao contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil e no mundo.
Críticas a adversários e veículos/plataformas de comunicação	Críticas direcionadas a opositores, sejam eles políticos ou grupos sociais específicos, e à imprensa ou às plataformas digitais de comunicação.
Datas comemorativas	Menções a datas importantes e eventos ligados a elas, bem como os posicionamentos do presidente em relação a elas.
Economia	Falas que tocam em medidas e questões relativas às dimensões econômicas da política e da vida cotidiana.
Medidas, obras e realizações	Apresentação de anúncios e resultados de políticas adotadas pelo governo.
Meio ambiente	Comentários que tratam de problemas, questões e políticas circunscritas à área ambiental.
Propaganda de jornalistas alinhados	Declarações voltadas ao elogio e recomendação de jornalistas, programas e veículos alinhados ao governo.
Relações internacionais	Falas sobre atividades e decisões no âmbito do Ministério das Relações Exteriores e sobre eventos que aconteçam em outros países.
Outros	Comentários sobre temas aleatórios, externos à política ou pequenas anedotas que não contribuem para o propósito de pesquisa aqui proposto.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição dos resultados

Aspectos quantitativos

Conforme consta na Tabela 1, o conjunto de temas abordados pelo presidente Jair Bolsonaro nas transmissões analisadas teve forte concentração em duas categorias: Covid-19 e Economia, que somam, juntas, cerca de 55% de todas as ocorrências. “*Medidas, obras e realizações*” responde pela terceira maior quantidade de ocorrências (19,13%) seguida pelas categorias “Outros”, com 8,70%, e “Crítica a adversários...”, com 6,52%.

Tabela 1 – Número de ocorrências e frequência temática nas lives de Jair Bolsonaro (de maio a julho de 2020)

Categoria	Ocorrência (n)	Frequência (%)
Agenda	3	1,30%
Covid-19	74	32,17%
Crítica a adversários e veículos/plataformas de comunicação	15	6,52%
Datas comemorativas	4	1,74%
Economia	53	23,04%
Medidas, Obras e Realizações	44	19,13%
Meio ambiente	5	2,17%
Propaganda de jornalistas alinhados	6	2,61%
Relações Internacionais	6	2,61%
Outros	20	8,70%
Total	230	100,00%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados quantitativos sugerem, portanto, que o tema da pandemia da Covid-19 foi o objeto de maior atenção e tratamento por parte de Jair Bolsonaro em suas *lives*, o que indica a influência da crise

sanitária nos critérios de seleção temática das transmissões. Temas relativos à economia acompanham as falas sobre a pandemia, o que será discutido melhor no próximo subtópico. Da mesma forma, os resultados mostram um nível alto de discussão e divulgação e anúncio de medidas, realizações e obras de governo, mesmo diante do crescimento recorde no número de óbitos causados pela Covid-19 no período de análise.

Nesse período, mesmo com o agravamento de queimadas no Pantanal e na Floresta Amazônica, questões ambientais registraram um baixo índice de ocorrência nas falas de Jair Bolsonaro – já que ele é conhecido como um político que tem pouco interesse ou despreza os movimentos e as pautas ambientais. Ele preferiu tratar, com mais ênfase, temas aleatórios, com abordagens pretensamente descontraídas, classificadas na categoria *Outros*. As demais ocorrências, como demonstram os dados apresentados na tabela acima, não ocupam um espaço de relevância e destaque nas transmissões analisadas, o que sugere que, no primeiro pico da pandemia, *Covid-19*, *Economia* e feitos do governo foram os temas centrais para o presidente da República.

Aspectos qualitativos

Em termos descritivos, a dimensão qualitativa fundamental dos dados encontrados é a sobreposição das categorias *Covid-19* e *Economia*. Isso se deve ao fato de Jair Bolsonaro lidar com a pandemia do *Sars-CoV-2* evocando temas concernentes à política e à vida econômicas do país, como auxílio emergencial, desemprego e funcionamento do comércio. Ou seja, a alta ocorrência de falas classificadas na categoria *Economia* decorre de como as falas sobre a pandemia serviram de gatilho para essa agenda, tornando questões econômicas uma espécie de apêndice desse tema.

Em segundo lugar, deve-se destacar que o formato das *lives* exerce uma influência direta no número de ocorrências da categoria relativa a medidas, obras e realizações do governo. Isso porque, em quase todas as edições, Jair Bolsonaro conta com algum convidado do seu quadro de ministros que, basicamente, falam das ações de suas respectivas pastas. Por fim, como já brevemente destacado acima, tanto o perfil quanto, mais uma vez, o formato, tenderam a “anabolizar” a categoria *Outros* na medida em que Jair Bolsonaro incorpora um personagem (autêntico ou não) que costuma contar histórias pessoais, fazer testemunhos e piadas e compartilhar anedotas aleatórias e alheias aos temas que estruturaram majoritariamente as transmissões nesse período. Cabe aqui notar um esforço relevante de construção de uma imagem de um sujeito que tenta conciliar seriedade com extroversão.

Análise qualitativa e discussão dos resultados: Cadê a Pandemia? Onde foi parar o pico?

Os dados quantitativos apresentados acima contam apenas uma parte da história das transmissões de Jair Bolsonaro no período mais crítico da pandemia do *Sars-CoV-2* em 2020, mas não dizem muito sobre como os principais temas são abordados e suas possíveis implicações. Em primeiro lugar, não existe *pandemia* no universo das *lives* de Jair Bolsonaro: não há pandemia, existe “a Covid”. Não existe epidemia, pandemia, nem algo que se pareça com uma crise sanitária nas falas de Bolsonaro durante as *lives*.

Em segundo lugar, embora o país tenha registrado seu primeiro pico de óbitos e o notório agravamento da crise sanitária, não houve quaisquer menções a esse cenário por parte do presidente. Ao contrário disso, Jair Bolsonaro não só expressou dúvidas quanto à superlotação de serviços de saúde, afirmando que não teria chegado a seu conhecimento que alguém tivesse morrido por falta de atendimento ou de leito de Unidade de Terapia Intensiva (UTI), como estimulou seus seguidores a fiscalizarem a “realidade” do que estaria acontecendo nos hospitais. Disse o presidente, na *live* do dia 11 de junho:

Arranja uma maneira de entrar e filmar. Muita gente tá fazendo isso, mas mais gente tem que fazer para mostrar se os leitos estão ocupados ou não, tá? Se os gastos são compatíveis ou não, tá? (...) O que nós queremos é transparência, é verdade (...) Você pode ver... chega um atestado de óbito, cê vê lá, cardiopatia, insuficiência respiratória, mais não sei o quê, é Covid. Entra como apenas Covid, tá? Então, têm pessoas que morrem com Covid e de Covid. Sei que é difícil você separar isso daí, o que nós queremos são números que têm que condizer com a verdade (Live..., 2020a, 16min38s – 17min42s).

Percebe-se que, além de duvidar que o sistema de saúde estivesse sob forte pressão, Bolsonaro também colocou em dúvida as próprias mortes pela Covid-19. Na versão presidencial, os registros de óbitos pela doença não distinguem entre ter morrido “de” Covid ou “com” a Covid, ou seja, sugere que os dados estariam sendo computados de forma a inflar os números de mortos. Desse modo, existe a realidade dura e concreta da crise sanitária e existe a realidade das transmissões feitas por Jair Bolsonaro.

Portanto, embora os dados quantitativos sugiram uma atenção destacada à Covid-19 nas falas do presidente, o que se vê é o uso desses termos como sustentáculo de uma operação retórica e irresponsável de desinformação que vende uma realidade alternativa em detrimento da atenção ao agravamento das consequências de uma pandemia que demandava medidas sérias e enérgicas diante

do súbito crescimento de óbitos por Covid-19. Dentre tais medidas, certamente deveriam estar aquelas voltadas ao esclarecimento da população com orientações de autopreservação.

A pandemia e a desinformação por partes: O que diz Jair sobre a tal Covid?

Como foi exposto na seção anterior, a invisibilidade da pandemia nos comentários do presidente tornou-se um traço característico de sua abordagem. Esse processo de invisibilização identificado no discurso do presidente em suas *lives* se sustenta não apenas na ausência de referências à existência de uma pandemia, ou seja, de seus impactos epidemiológicos em toda a população e as consequências decorrentes dessa condição: números elevados de infectados e mortos, superlotação dos serviços de saúde e esgotamento de suas estruturas, insumos e profissionais. O negacionismo não se sustenta apenas por tentativas de ignorar a existência do problema, mas por ataques à verdade.

O presidente fez referência aos episódios de atraso na divulgação dos dados por parte do Ministério da Saúde ocorridos no início de junho de 2020. O Governo havia alterado o horário de divulgação dos dados das 17 para as 22 horas, o que dificultava sua divulgação nos telejornais noturnos. Em 4/6/2020, ocorreram alterações na qualidade dos dados apresentados, deixando-se de registrar o total de mortos e o histórico da doença, passando-se a apresentar apenas o número de casos novos (Veículos..., 2020). Em reação ao acúmulo de críticas, na *live* do dia 11/06/2020, comentou o presidente:

[A Globo] é um espaço que não tem nada de positivo para falar de nós, do Brasil, tudo é contra! (...) Os dados foram apresentados mais tarde, mas dentro do dia. Não serviu para fazer o Jornal Nacional, né? A TV Funeral não teve aquele espaço aqueles dois, três dias. E o mundo caiu em cima do Pazuello (Live..., 2020a, 13min13s – 13min35s).

E Bolsonaro voltou ao assunto em 18 de junho:

Mudamos a forma de contar, de acertar essa tabela. Ninguém tentou maquiagem número, como maldosamente uma grande rede de televisão aí anunciou (...) Ninguém quer esconder números, pelo contrário: nós queremos é mostrar os números reais (...) (Live..., 2020b, 15min44s – 16min02s).

O uso de medicamentos com ineficácia comprovada para tratar da Covid-19 é outra constante nas falas de Jair Bolsonaro. O período do primeiro pico também corresponde ao período em que o presidente declarou ter contraído a doença e se curado usando hidroxiclórico e *Ivermectina*. Jair Bolsonaro

faz publicidade recorrente dos fármacos utilizando supostas evidências anedóticas atribuídas a ministros que também teriam contraído o vírus, se tratado e se curado com esses medicamentos. Mas sempre mantém o cuidado de recomendar: medique-se apenas com recomendação médica e costuma defender que “ninguém é obrigado a tomar, toma quem quer”. Num país com milhares de médicos seguindo a mesma receita negacionista do presidente, a gravidade dessas falas ganha contornos peculiares. A título de ilustração, na transmissão de 2/7/2020, o presidente afirmou que uma médica de Porto Seguro (BA) havia feito contato para denunciar que não havia estoques de hidroxiclороquina no município, pedido que o presidente prontamente disse ter atendido.

(...) em grande parte, dizem que o tratamento da Covid-19 na fase inicial tem tido sucesso. Então, ela [a médica] fez esse apelo pra nós, eu liguei para o nosso ministro da Saúde, o general Pazuello. Imediatamente ele assinou, na quarta-feira, acionou todos os meios nossos e, hoje, partiu de São Paulo um avião para Salvador. E tá previsto amanhã, por volta das 8 da manhã, chegar lá em Porto Seguro 40 mil doses de hidroxiclороquina. (Live..., 2020c, 15min30s – 16min11s).

Ainda na linha dos diagnósticos e prescrições sobre a pandemia que não menciona, o presidente afirma, reiteradamente, que não há o que fazer diante dessa doença: todos serão acometidos por ela. Defender a inevitabilidade do contágio, portanto, é criar uma narrativa que o desobriga de responsabilidades sobre o que fazer para conter o problema: se não há o que fazer, o segredo é não se entregar ao pânico induzido pela imprensa e confiar no “tratamento precoce” a base de hidroxiclороquina, *Ivermectina* e *Annita*. Além disso, observa-se que, aliado à defesa de um tratamento precoce ineficaz, o mandatário aposta principalmente na estratégia de deixar a população se infectar para adquirir “naturalmente” a imunidade contra o vírus (a famigerada e já popularmente conhecida “imunidade de rebanho”). Ao comentar as críticas que o Governo vinha recebendo da imprensa por dificultar o acesso aos dados relativos ao avanço da pandemia, na *live* de 18 de junho de 2020, o presidente afirmou:

Nós queremos é mostrar os números reais pra você fazer o levantamento: ‘oh, em tal Estado, em tal região, realmente, o número de contaminados tem diminuído, o número de mortos tem diminuído, então, a pandemia passou por lá, já se contaminaram aproximadamente 70% das pessoas, dificilmente, alguém, naquela região, vai contrair o vírus porque as pessoas que já conseguiram imunização não transmitem [*sic*] para outras’, tá? Esse é o trabalho do Eduardo Pazuello lá no Ministério da Saúde (Live..., 2020b, 16min – 16min32s).

A outra linha de abordagem recorrente diz respeito aos supostos efeitos deletérios que medidas de restrições adotadas por gestores estaduais e municipais (frequentemente criticados) provocariam na

população brasileira. Dentre eles estaria a depressão e o suicídio. Em algumas das transmissões, Jair Bolsonaro usou reiteradamente um episódio supostamente acontecido na cidade de Araraquara em que um policial federal, diante de uma estrada com aumento de registros de mortes por atropelamento, teria lhe sugerido que as pessoas atropeladas estavam se jogando contra os carros num ato de suicídio. A sugestão literal, obviamente, é a de que o isolamento social adotado em estados e municípios estavam provocando mortes, levando esses indivíduos à depressão, logo, ao suicídio.

O presidente também usa recorrentemente o tema da Covid-19 para atacar adversários e desafetos que só são colocados nessa condição porque tomam medidas de combate à pandemia recomendadas por autoridades e organismos científicos reconhecidos internacionalmente. Além de prefeitos e governadores, é recorrente a menção à narrativa falaciosa de que o Supremo Tribunal Federal lhe teria retirado poderes para adotar medidas sobre a pandemia e conferido exclusividade de ação a prefeitos e governadores. Ao comentar uma fala do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, o presidente brasileiro redirecionou a crítica:

O Supremo Tribunal Federal decidiu, não foi provocação minha, que isso é competência exclusiva de governadores e prefeitos. Então, se o Trump falou isso mesmo, né, eu respondo agora: olha, realmente, a política de governadores e prefeitos aqui, se tá tão ruim como o pessoal diz que tá, a responsabilidade é deles. A nossa foi basicamente o quê? Recursos! (Live..., 2020a, 40min13s – 40min36s).

Na ocasião da *live* de 23 de julho de 2020, Jair Bolsonaro também criticou o seu já ex-ministro da saúde Henrique Mandetta acusando-o de disseminar o pânico ao falar coisas como “o pico vem na semana que vem”. Na única vez em que mencionou a palavra “pico” no período da amostra, o fez para, involuntariamente, dar razão ao ex-ministro: o primeiro pico, de fato, aconteceu uma semana após aquela transmissão.

Como já indicado anteriormente, a recorrência de falas sobre a Covid-19 é responsável pelo alto número de temas econômicos abordados no período analisado. Isto porque Jair Bolsonaro utiliza a Covid-19 – em chave crítica contra medidas sanitárias e gestores que aderem a elas – para transformar um problema de saúde pública num problema econômico. É de notório saber que o presidente da República costuma afirmar que lida de forma equilibrada com os problemas econômicos e com o problema de saúde pública provocados pela pandemia.

As *lives* analisadas desmentem essa afirmação. De um lado, não existe um problema grave, não há pandemia, não há pico de mortes, muito menos gravidade, mas inevitabilidade, tratamento e cura. Do

outro, um enorme problema que causa depressão, suicídio, desemprego e fome: o combate à pandemia. O argumento se torna ainda mais irônico diante de um período de escalada das mortes provocadas não por suicídio, por óbvio, mas pela Covid-19.

Desse modo, a pandemia é mobilizada como tema sem ser mencionada para que problemas de ordem econômica sejam apontados como fatores graves que podem causar grandes problemas de ordem laboral, social e alimentar. É nessa perspectiva que se assenta a grande agenda de investimento negacionista do presidente com fachada de preocupação econômica: o combate a medidas que poderiam reduzir contaminações e mortes é justificado como pretensa preocupação com a saúde econômica do Brasil que, uma vez comprometida, poderia gerar mais danos e mais mortes. E o argumento é apresentado com dados, estudos ou conclusões sem referências a fontes ou de maneira descontextualizada, como é o caso da *live* de 16 de julho em que Jair Bolsonaro menciona a conclusão de um suposto estudo realizado pelo governo de Nova Iorque de que a maioria das pessoas contaminadas contraíram o novo coronavírus em casa³. (Live..., 2020d, 17min38s – 17min52s).

Em determinados momentos, muito raros, o presidente toca no tema das vacinas e o aborda divulgando supostas medidas que o governo estaria tomando para adquirir-las. Mas não qualquer uma. Em 30 de julho, por exemplo, mencionou negociações para fechar acordo de aquisição da vacina produzida pelo laboratório da universidade de *Oxford* com um adendo: “não é vacina daquele outro país, não” (Live..., 2020e, 11min31s – 11min33s), em evidente alusão à guerra ideológica que resolveu travar com a China, o Instituto Butantan e João Dória por conta da vacina *Coronovac*. Esforço notório de criar desconfianças conspiracionistas contra um imunizante que, no fim das contas, até a presente data, tem garantido a imunização da maioria dos brasileiros.

Considerações finais

Como resta evidente pelas análises empregadas, as transmissões realizadas pelo presidente Jair Bolsonaro no período que corresponde ao primeiro pico da pandemia do *Sars-CoV-2* no Brasil, embora trate do tema da Covid-19, não lida com suas questões concretas, reais e urgentes. A pandemia, que

³ O presidente faz referência a uma pesquisa efetivamente realizada pelo governo de Nova Iorque segundo a qual a maioria das pessoas então internadas teriam sido contaminadas em casa. Um vídeo editado e legendado em português passou a circular em *sites* e perfis de redes sociais com textos que afirmavam que os dados da pesquisa comprovariam a ineficácia do *lockdown*. No entanto, a peça manipulada e provável fonte do presidente omite o trecho em que o governador destaca a queda no número de novos infectados após a adoção do confinamento pelo estado (Dois..., 2020).

sequer é usada como termo designador nas falas do presidente, serve tão e apenas como palco para um desfile de atos de desinformação sobre as características, as dimensões e o conhecimento acumulado sobre a Covid-19 e como se prevenir da doença.

Há um duplo serviço prestado pelo presidente em suas inserções semanais no período analisado: difundir conteúdos e comentários falsos e desinformativos e tocar em abordagens com contornos relativamente populistas ao sustentar, com frequência, uma narrativa de oposição entre “nós” e “eles” no contexto do combate à pandemia.

Constata-se que as *lives* de Jair Bolsonaro, transmitidas durante o primeiro pico da pandemia no Brasil, destinam-se a produzir uma fantasia politicamente conveniente de descolamento da realidade em que impera a desinformação e os potenciais perigos derivados dela. Trata-se de convites à negação dos fatos, da ciência e das recomendações de autoridades epistêmicas em favor da inconsequência, da irresponsabilidade e, portanto, da morte. O fato de nem um pico de óbitos suscitar alguma consideração atenta por parte do presidente da República em seus eventos oficiais de comunicação com parcelas dos cidadãos brasileiros demonstra que o objetivo é desinformar. A Covid-19 pode até estar lá, mas apenas para enganar.

Se, por um lado, temos uma inovação extraordinária em termos de comunicação política na medida em que o ferramental disponível para diferentes atores políticos proporciona maior inclusão de vozes nas arenas públicas sem maiores intervenções mediadoras, por outro, a falta de mediação e a mesma inclusão são capazes de produzir não melhores práticas democráticas, mas ameaças à democracia. Para além da democracia, como no caso em tela, temos os efeitos negativos dessa forma de comunicação sobre o direito das pessoas à saúde e à vida.

A análise empreendida neste artigo demonstra que a comunicação periódica de Jair Bolsonaro funciona como uma espécie não apenas de um boletim de informações sobre a sua gestão, mas um instrumento de campanha política sobre temas específicos e, no caso escolhido para este trabalho, a campanha é contra medidas de contenção dos efeitos da pandemia. Suas transmissões são porosas o suficiente para lidar com o tema da Covid-19, mas demonstram que essa porosidade filtra aspectos da realidade em favor da construção de um universo paralelo em que o caos sanitário com escalada de mortes e colapsos no sistema de saúde não existem. A Covid-19 se torna o tema mais recorrentemente tratado pelo presidente apenas como uma muleta para propagar desinformação, confundir e poluir as

arenas de discussão e atenção públicas. Nas *lives* do pico, não há pico porque, a rigor, sequer existe pandemia da Covid-19 como ela é.

Em 2021, foi possível revisitar todo o histórico de atuação e omissão governamental por meio das transmissões ao vivo das reuniões da *Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia*, instalada em 13 de abril de 2021 para investigar as ações e omissões do Governo Federal no enfrentamento da pandemia e a utilização de recursos federais repassados pela União a estados e municípios (Calheiros, 2021). No plano de trabalho apresentado pelo relator da Comissão, senador Renan Calheiros (MDB-AL), dentre as frentes de trabalho elencadas na linha de investigação da CPI, verificam-se temas que pouco apareceram nos comentários do presidente nas *lives* aqui analisadas, como a aquisição de vacinas; a oferta de infraestrutura e insumos; a contratação de profissionais de saúde; ações voltadas para promover o distanciamento social; campanhas de comunicação de esclarecimento relativas à prevenção da doença dentre outros. Por outro lado, observam-se também os temas que receberam a atenção do mandatário; como a produção, a distribuição e a promoção de medicamentos e terapias de eficácia não comprovada; a defesa da tese de “imunidade de rebanho” dentre outras.

A análise apresentada neste artigo ajuda a demonstrar, com materialidade, alguns dos meios e modos comunicacionais pelos quais o discurso negacionista e conspiracionista do presidente ganha corpo não apenas na gestão de seu governo, como no âmbito de sua recepção, haja vista os estudos mencionados anteriormente que dão conta da forte correlação entre os discursos de Jair Bolsonaro e os comportamentos de risco que levam a contaminações, internações e mortes Brasil afora (Canzian, 2020; Ajzenman, Cavalcanti, Da Mata 2020).

As *lives* de Jair Bolsonaro contam com centenas de milhares de visualizações acumuladas e ocupam uma posição de centralidade na ecologia de comunicação digital bolsonarista. Uma ecologia em que, como se viu nos resultados aqui apresentados, é contaminada, periodicamente, com altas cargas virais de negacionismo com as consequências trágicas alcançadas pelo país. Essas peças de comunicação digital são um atestado de como o processo de descentralização da comunicação inaugurada com o advento e a popularização das plataformas digitais, ao mesmo tempo que produziu uma inserção extraordinária de novas vozes no debate público, também vem conferindo fraturas epistêmicas sensíveis e problemáticas à vida da política democrática.

Referências bibliográficas

AGGIO, Camilo. Campanhas online e twitter: a interação entre campanhas e eleitores nas eleições presidenciais brasileiras de 2010. *Famecos*. Porto Alegre, v. 23, n. 1, janeiro, fevereiro, março e abril de 2016.

AGGIO, Camilo. Campanhas Online: O percurso de formação das questões, problemas e configurações a partir da literatura produzida entre 1992 e 2009. *Opinião Pública*, v. 16, p. 426-445, 2010.

AGGIO, Camilo. Teorias Conspiratórias, Verdade e Democracia. In: ALZAMORA, Geane., MENDES, Conrado Moreira, RIBEIRO, Daniel Melo. *Sociedade da Desinformação e Infodemia*. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2021.

AGGIO, Camilo.; CASTRO, F. “*Meu partido é o povo*”: Uma proposta teórico-metodológica para o estudo do populismo como fórmula de comunicação política seguida de estudo de caso do perfil de Jair Bolsonaro no Twitter. Texto apresentado à *Compólitica*. Brasília, 2019.

AJZENMAN, Nicolas, CAVALCANTI, Tiago, Da MATA, Daniel. More Than Words: Leader’s Speech and Risky Behaviour during pandemic. *SSRN*, 22 abr. 2020. Disponível em <<https://ssrn.com/abstract=3582908>>. Acesso: 31/05/2021.

ARAÚJO, R.; OLIVEIRA, T. A. 2020. Desinformação e mensagens sobre a hidroxicloroquina no Twitter: da pressão política à disputa científica. *Atoz: novas práticas em informação e conhecimento*, 9(2): 196-205. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v9i2.75929>>. Acesso: 31/05/2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENKLER, Yoachai, FARIS, Robert, ROBERTS, Hal. *Network Propaganda: Manipulation, Disinformation and Radicalization in American Politics*. New York: Oxford University Press. 2018.

BENKLER, Yoachai. *The Wealth of Networks: how social production transforms markets and freedom*. New Haven, London: Yale University Press, 2006.

BRACCIALE, Roberta; MARTELLA, Antonio. Define the populist political communication style: the case of Italian political leaders on Twitter. *Information, Communication & Society*, v. 20, n. 9, p. 1310-1329, 2017.

CALHEIROS, Renan. Plano de Trabalho. Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia. Brasília: Senado Federal, 28 abr. 2021. Disponível em <<https://bit.ly/3wPB1mJ>>. Acesso: 02/06/2021.

CANZIAN, Fernando. Falas de Bolsonaro contra isolamento podem ter matado mais seus eleitores, aponta estudo. *Folha de S. Paulo*, 30 jun. 2020. Disponível em <<https://bit.ly/3uFw52m>>. Acesso: 31/05/2021.

CASTRO, Julio Cesar Lemes. Neoliberalismo, guerra híbrida e a campanha presidencial de Bolsonaro. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo (SP), v. 42, n. 1, p. 261-291, jan.-abr. 2020.

CASTRO, Thomaz; AGGIO, Camilo. Populistas, mas não do mesmo jeito: Uma comparação entre populistas de esquerda e direita no Twitter. Artigo apresentado no 31º encontro anual da Compós. Imperatriz (MA). 2022

CHADWICK, Andrew. The hybrid media system: Politics and power. Oxford: Oxford University Press, 2013.

CORONAVIRUS: OMS declara pandemia. BBC NEWS: Brasil. 11 mar. 2020. Disponível em <https://bbc.in/3ySuvqZ>>. Acesso: 01/06/2021.

COVID-19 Dashboard. Center for Systems and Engineering (CSSE). Baltimore: Johns Hopkins University & Medicine. Disponível em <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso: 07/06/2021.

DA EMPOLI, Giuliano. Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2020.

DE VREESE, C., ESSER, F., AALBERG, T. Populism as an expression. Of political communication content and style: a new perspective. The International Journal of Press/Politics, 23(4), 2018, p. 423-438.

DOIS terços dos nova-iorquinos infectados estavam em casa, mas dados não comprovam falhas no distanciamento social. Projeto Comprova. Estadão. 8 mai. 2020. Disponível em <<https://bit.ly/3yZnCdK>>. Acesso: 02/06/2021.

ERNST, Nicole; ENGESSER, Sven; BÜCHEL, Florin BLASSNIG, Sina; ESSER, Frank. Extreme parties and populism: An analysis of Facebook and Twitter across six countries. Information, Communication & Society, n. 20, v. 9, p. 1347–1364, 2017.

GALHARDI, Cláudia Pereira; FREIRE, Neyson Pinheiro; MINAYO, Maria Cecília de Souza; FAGUNDES, Maria Clara Marques. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, 25 (2), p. 4201-4210. 2020.

GALLEGO, Esther Solano. “Eu voto no Bolsonaro porque ele vai mudar o Brasil”: escutando os eleitores de Bolsonaro. In: AVRITZER, Leonardo; STARLING, Heloisa Murgel; BRAGA, Pauliane; ZANANDREZ, Priscila (orgs.) Pensando a democracia, a república e o Estado de Direito no Brasil. Belo Horizonte: Projeto República, p. 119-130, 2019.

KALIL, I., SILVEIRA, S.C., PINHEIRO, W., KALIL, A., PEREIRA, J.V., AZARIAS, W., AMPARO, A.B. Politics of fear in Brazil: Far-right conspiracy theories on COVID-19, Global Discourse, 11 (3), 2021, p. 409–425. DOI: 10.1332/204378921X16193452552605.

KEEN, Andrew. The cult of amateur: how today's internet is killing our culture. New York: Doubleday Broadway Publishing. Group, 2007.

LEMOS, A. As estruturas antropológicas do ciberespaço. In: Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. How democracies die. New York: Crown Publishing, 2018.

LISBOA, L., FERRO, J., BRITO, J., LOPES, R. A Disseminação da Desinformação Promovida por Líderes Estatais na Pandemia da Covid-19. In: Anais do I Workshop sobre as Implicações da

Computação na Sociedade. Porto Alegre: SBC, p. 114-121, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/34vOUKQ>>. Acesso: 31/05/2021.

MAZZOLENI, Gianpietro; BRACCIALE, Roberta. Socially mediated populism: the communicative strategies of political leaders on Facebook. Palgrave Communications, v. 4, n. 50, p. 1-10, 2018.

MENDONÇA, R. F, CAETANO, R. D. Populism as Parody: The Visual Self-Presentation of Jair Bolsonaro on Instagram. The International Journal of Press/Politics, 26(1), 2021, p. 210-235.

MENDONÇA, Ricardo; AGGIO, Camilo. As metamorfoses da esfera pública ou a nova mudança estrutural. In: COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 30, 2021. São Paulo. (No prelo).

MÕES, Malu. Pico em maio, repique em julho: as datas reais da pandemia no Brasil. Poder 360. 05 dez. 2020. Disponível em <<https://bit.ly/3tSOGIP>>. Acesso: 26/04/2021.

NICOLAU, Jairo. O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RECUERO, R.; SOARES, F. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do Covid-19 no Twitter: Estudo de caso. E-Compós, Ahead of Print, 2020. Disponível em <<https://doi.org/10.30962/ec.2127>>. Acesso: 31/05/2021.

RICARD, J.; MEDEIROS, J. Using Misinformation as a political weapon: Covid-19 and Bolsonaro in Brazil. The Harvard Kennedy School (HKS). Misinformation Review. 2020. Disponível em <<https://doi.org/10.37016/mr-2020-013>>. Acesso: 31/05/2021.

ROBLES-MORALES, José Manuel; CÓRDOBA-HERNÁNDEZ, Ana María. Digital Political Participation, Social Networks and Big Data: Disintermediation in the Era of Web 2.0. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

SACONI, João Paulo. Entenda: por que o copo de leite na live de Bolsonaro provocou controvérsia. O Globo. 1º jun. 2020. Disponível em <<http://glo.bo/3AhXhL4>>, acessado em 31/05/2021.

SMITH, Felicia. Academic Fake News: “Information Wars”. In Stanford Libraries. 2018. Disponível em <<https://stanford.io/3fzE0dd>>. Acesso: 31/05/2021.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. In: Democracia em risco: 22 ensaios sobreo Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019a, p. 307-321.

VAN DIJCK, José, POELL, Thomas, DE WAAL, Martinjn. The platform society: Public Values in a Connective World. New York: Oxford University Press. 2018.

VEÍCULOS de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19. Folha de S. Paulo. 8 jun. 2020. Disponível em <<https://bit.ly/2PE8DUU>>. Acesso: 29/4/2021.

Referências das lives citadas

LIVE da Semana – 30/07/2020. Participante: Jair Messias Bolsonaro, Gilson Machado, Tarcísio Freitas, Elizângela Castelo Branco. Brasília: Facebook, 2020e. 1 vídeo (57min04s). Transmissão ao vivo em 30 de julho de 2020 pela página Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Disponível em <<https://fb.watch/5TAXDcShg5/>>. Acesso: 02/06/2021.

LIVE de toda quinta-feira (11/06/2020) – Parte 2. Participantes: Jair Messias Bolsonaro, Felipe J. Marins, Elizângela Castelo Branco. Brasília: Facebook, 2020a. 1 vídeo (54min12s). Transmissão ao vivo em 11 de junho de 2020 pela página Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Disponível em: <<https://fb.watch/5TmDi6WNnR/>>. Acesso: 02/06/2021.

LIVE de toda quinta-feira com o Presidente (02/07/2020). Participantes: Jair Messias Bolsonaro, Gilson Machado, Rogério Marinho, Jorge Seif, Pedro Guimarães, Elizângela Castelo Branco. Brasília: Facebook, 2020c. 1 vídeo (1h00min47s). Transmissão ao vivo em 2 de julho de 2020 pela página Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Disponível em <https://fb.watch/5Tt_RQOd84/>. Acesso: 02/06/2021.

LIVE de toda quinta-feira. Participantes: Jair Messias Bolsonaro, Elizângela Castelo Branco. Brasília: Facebook, 2020b. 1 vídeo (25min02s). Transmissão ao vivo em 18 de junho de 2020 pela página Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Disponível em <<https://fb.watch/5TnxCbCg4s/>>. Acesso: 02/06/2021.

LIVE Semanal – 16/07/2020. Participante: Jair Messias Bolsonaro. Brasília: Facebook, 2020d. 1 vídeo (1h10min41s). Transmissão ao vivo em 16 de julho de 2020 pela página Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Disponível em <<https://fb.watch/5Tza2q0Bj5/>>. Acesso: 02/06/2021.

Sobre os Autores

Camilo de Oliveira Aggio é professor adjunto do Departamento de Comunicação Social da UFMG, membro do Grupo de Pesquisa em Justiça e Democracia (Margem/UFMG) e pesquisador associado ao INCT.DD. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1383-9019>

Geraldo Frances F. Vaz é mestre e doutorando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG e membro do Grupo de Pesquisa em Democracia e Justiça (Margem/UFMG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5602-3928>

Thomaz Moreira Arantes de Castro é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG e membro do Grupo de Pesquisa em Justiça e Democracia (Margem/UFMG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0187-0169>

Data de submissão: 19/08/2021

Data de aprovação: 25/06/2022